

09-08-2021

“O que há em mim é sobretudo cansaço”

Alisson Azevedo

[Diretor de relações públicas da Associação dos Deficientes Visuais do Estado de Goiás - ADVEG]

Nem bem volto de umas curtas férias e já recorro ao verso do Pessoa-Álvaro de Campos para tentar entender meu estado de espírito – e de corpo.

Aquele cansaço agudo, aquela inflamação dos primeiros três dias de férias, eu consegui debelar nas águas termais do Rio Quente. A cachoeira de lá cura e restaura este cansado paciente.

O banho de rio nunca é o mesmo, mas todo banho de rio é um banho de mundo, me ensina o mestre Eguimar Chaveiro. Mas em mim há outro cansaço, crônico e renitente como uma dor de cabeça que não some nem explode. É um cansaço antigo dos trabalhos e dos dias, que na pandemia se agrava, se acomoda - e me aniquila. Cansaço do meu patrão, o Estado-juiz, que aliás nunca me quis bem.

Cego como a justiça, aos vinte e poucos anos prestei concurso para o Judiciário. Passei na cota constitucional para pessoas com deficiência no serviço público, mas fui declarado inapto para exercer as atribuições do cargo. Levei cansativos quatro anos para ganhar uma ação na Justiça contra a Justiça, que determinou minha posse.

No exercício do cargo, cheguei a concordar com aquele primeiro veredito de inaptidão.

Embora tenha sido calorosamente acolhido por colegas e chefes imediatos, o capacitismo estrutural cobrou seu preço. Para começar a trabalhar, eu precisava de um software leitor de tela caro pra mim, mas nem tanto pra Administração.

Ele até veio, mas demorou.

E enquanto esperava, me rondava o cansativo, silencioso constrangimento da inaptidão.

Já os sistemas da Justiça seguiram inacessíveis.

E ainda seguem. São barreiras laborais invisíveis para quem vê, mas intransponíveis para quem não vê. É um processo que, por um clique ou pela falta dele, não pode ser acessado via leitor de tela.

É uma decisão que não pode ser lida, porque publicada em formato pdf imagem. É um despacho que não pode ser assinado sem apoio do estagiário, porque o sistema foi pensado pra quem enxerga.

Mas no trabalho remoto, onde o estagiário?

Na última década, há que se reconhecer os significativos avanços normativos no Brasil, a partir da adoção da Convenção da ONU sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência.

A recente instalação de sistema de voz e o braille gravado sobre os números dos andares do elevador da minha repartição são frutos desses avanços.

Também é maior o engajamento dos servidores, inclusive de alguns tomadores de decisões, na causa da acessibilidade. Mas num tempo de cansaço amplo, geral e irrestrito, “o que há em mim é sobretudo cansaço”. Primeiro, o cansaço amplo, geral e irrestrito de todo trabalhador em tempos de pandemia. Não sem a culpa por ter o trabalho que muitos não tem. Depois, o cansaço das barreiras laborais. Produzir a menos por um clique, estar impedido de crescer no trabalho por um triz, errar seguidamente de andar por falta de braille e voz no elevador. Há nisso tudo uma opressão social e uma dor pessoal, mas há, também e sobretudo, cansaço. E antes que alguém me fale de esperança, de resiliência ou, pior ainda, de milagre, digo que “o que há em mim é sobretudo cansaço”, mas não é apenas cansaço. Sigo na guerra, minha cegueira não é ferimento, e estou muito velho pra ser soldado: quero ser general na batalha do cansaço.

E estou certo de que serei um general muito melhor do que certos ladrões de democracia que andam fardados por aí. ■■■

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.